

SARAH AFFONSO



Talha directa do escultor Mateo Hernandez

EXPOSIÇÃO: 18 a 30 de Janeiro de 1928

SALÃO BOBONNE

LISBOA

Afonso enfileira, com brilho, com heroísmo, na primeira linha de combate. As suas figuras e as suas paisagens infantilizadas, propositadamente infantilizadas pela força da síntese, falam mais, cantam mais, do que as pinturas sérias, carracundas, de alguns consagrados e de muitos aspirantes à consagração. Sarah Afonso não procura os assuntos. Os assuntos é que a procuram, é que a fazem parar, como uma criança pára, num jardim, diante duma flor vermelha: «Que linda rosa!», «Que lindo barco!», «Que linda cabeça!...» E tudo sai brinquedo, tudo sai embonecado, tudo sai infantil, duma infantilidade expressiva e reveladora... É que os olhos de Sarah Afonso brincaram muito, antes do trabalho, com a rosa, com o barco vistoso, com o rosto do modelo, fruta saudável... Sarah Afonso não se dirige, com o geito do assassino, para o cavalete, para a tela inocente e branca. Não mata a sua visão, carregando-a. Faz o contrário: desanuvia, esclarece, simplifica. Não envelhece as coisas e as figuras: remoça-as. A sua caixa de tintas é a fonte da Juventude. Sarah Afonso é um caso novo na pintura portuguesa. Quem não a olhar assim, quem a criticar com o regulamento — esquadro, compasso e lunetas — não a compreende, não a pode compreender.

ANTÓNIO FERRO.

1 — *Fernanda de Castro e Antoninho Gabriel.*

2 — *Retrato.*

3 — *Retrato.*

4 — *Luizinha* — Pertence ao Ex.^{mo} Sr. João Quadros.

5 — *O meu retrato.*

6 — *A menina do Vestido Vermelho* — Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Torres de Lima.

7 — *A menina do cache-col.*

8 — *A menina do bibe branco.*

9 — *A menina da boneca.*

10 — *Da minha janela.*

11 — *Jardim.*

- 12 — *Jardim.*
- 13 — *Varinas* — Pertence ao Ex.^{mo} Sr. António Ferro.
- 14 — *Natureza morta.*
- 15 — *Saloios* (esboceto para panorama decorativo).
- 16 — *Pescadores* (esboceto para *panneau* decorativo).
- 17 — *Casas.*
- 18 — *Au bord de la Marne.*
- 19 — *Rue des Plantes — Paris.*
- 20 — *Desenho*
- 21 — *Desenho.*
- 22 — *Desenho.*

SARAH AFONSO, com as suas bonecas de tinta, com a aldeia em festa da sua palheta, com a varinha de condão do seu pincel, desembarca na pintura portuguesa, como uma boa fada, como uma doce Madrinha... A sua Arte — eu digo a sua arte como podia dizer o seu grande amor — é uma *Árvore do Natal* onde as meninas dos olhos vão buscar as suas prendas, os seus bonitos.

Diante dos quadros de Sarah Afonso, que têm a vibração da manhã clara, da manhã azul, haverá quem murmure, na obsessão das restrições, numa sentença cómoda e desdenhosa: «Tudo isto é infantil». Esta frase, pronunciada com a entoação de quem fulmina, de quem destrói, é um dos maiores elogios que se podem fazer a Sarah Afonso. A pintura portuguesa, na maioria dos casos, é uma pintura habilidosa, fotográfica, demasiado sábia. Nem frescura, nem espontaneidade, nem alegria. O artista pára diante da paisagem e grita-lhe: «*Está quieta!*» Tira-lhe, em seguida, o retrato e vai-se embora, muito satisfeito. A paisagem, é claro, fica muito parecida... Mas falta-lhe falar... Há que reagir contra esta falsa pintura, que já não se usa em parte nenhuma do mundo, que se refugiou em Portugal como numa última trincheira. Guerra aos pintores de Instrução Primária! Guerra aos fotógrafos pedantes! Sarah

SARAH AFFONSO



Tela, 1938, do acervo Museu de Arte Moderna

EXPOSIÇÃO: 18 a 30 de Janeiro de 1938

SALÃO BOBONNE
LISBOA



EXECUTADO NAS OFICINAS
GRAFICAS DA EMPRÊSA DO
ANUÁRIO COMERCIAL, PRAÇA
DOS RESTAURADORES, LISBOA